

Bento de Jesus Caraça e o ideal da Universidade Popular

Bento de Jesus Caraça está hoje presente porque foi incómodo, e a prova de que está vivo é que ainda hoje incomoda. O seu «direito a nascer» fica pois inteiramente firmado se utilizarmos o critério de António Dias Gomes, criador de telenovelas brasileiras, recentemente falecido: «Quem não nasceu para incomodar não devia ter nascido.» E porque incomodou e incomoda ainda Bento de Jesus Caraça? Porque se, por um lado, interferiu activamente para alterar a sociedade do seu tempo, continua a interferir com a consciência de cada um, segredando-nos a cada passo a nossa condição de cidadãos, sejamos nós matemáticos, sindicalistas, trolhas ou artistas.

Mas não se disse já tudo sobre o matemático Bento de Jesus Caraça?

- Não se disse tudo sobre o seu papel decisivo na criação de condições para o exercício da actividade científica em Portugal, condições que obviamente não conheceu? Penso que não, pois de iniciativas tão importantes a que o seu nome está ligado – como a criação da Sociedade Portuguesa de Matemática ou o Centro de Estudos Matemáticos Aplicados à Economia ou o Centro de Estudos Matemáticos de Lisboa ou a Revista *Gazeta de Matemática* – há quem julgue que se tratou de actos de geração espontânea.
- Não se disse tudo sobre o seu papel decisivo na criação de condições para o exercício livre da cidadania em Portugal, condições que ele obviamente não conheceu? Penso que não, pois há quem julgue que iniciativas tão importantes a que o seu nome está ligado, como a criação da Universidade Popular Portuguesa ou o Movimento da Unidade Democrática (de que foi vice-presidente), apenas foram coisas do passado.
- Não se disse tudo sobre o seu papel decisivo na divulgação do saber e das ideias, de que foi paradigma a famosa Biblioteca Cosmos e de que foram modelo os seus famosos livrinhos sobre *Os Conceitos Fundamentais da Matemática* (1941-1942)? Penso que não, pois há quem julgue que hoje há bem melhor... se, afinal, até temos a internet!

- Não se disse tudo sobre o seu papel decisivo ao chamar a atenção para o cuidado em não separar a actividade cultural da actividade científica, reclamando como problema central do seu tempo *A Cultura Integral do Indivíduo* (1933)? Penso que não, pois ainda recentemente me perguntou um colega quem era esse tal Bento de Jesus Caraça de quem se falava tanto...

Hoje, num Portugal de liberdade, hoje num mundo global, tão diferentes do Portugal e do mundo do seu tempo, que pensaria e como agiria Bento de Jesus Caraça? O exercício de responder a essa pergunta seria obviamente gratuito. Sucede, porém, que a invectiva à análise do seu tempo e o decorrente empenho em nele agir impõem-se-nos com tal força que nos cabe inelutavelmente o dever de, sob a sua égide, analisar o nosso próprio tempo e nele intervir com a nossa acção.

Optámos por cristalizar a nossa análise e dirigir aqui a nossa atenção, a uma das mais caras iniciativas a que se ligou o nome de Bento de Jesus Caraça: a Universidade Popular Portuguesa (UPP). Estamos convictos de que a congregação de vontades para se reactualizar essa iniciativa seria a melhor homenagem que se poderia prestar a Bento de Jesus Caraça. Passaremos por isso brevemente em revista o que foi a Universidade Popular Portuguesa e apontaremos num relance para o que ela poderá vir a ser no futuro.

O passado da UPP

A instrução popular era assim caracterizada por Alexandre Herculano no século XIX: «Entendemos por educação e instrução popular a cultivação do espírito, e não o ensino das artes fabris ou mecânicas, a que muita gente dá aquele nome. Negar o aperfeiçoamento intelectual aos homens, deixá-los na bruteza e na ignorância, é um acto imoral, um menoscabo de deveres sagrados, e, por consequência, um crime» (Ferreira 1980). Nesta linha de instrução popular surgiram várias agremiações de que é justo destacar a Voz do Operário, nascida em Lisboa em 1883 e a Academia de Estudos Livres, também em Lisboa, em 1889. Com a instauração da República e o seu programa de enaltecimento da cidadania viriam logo a seguir inúmeras iniciativas imbuídas do mesmo espírito generoso, algumas delas reivindicando para si uma ideia de Universidade. Foi o caso da Universidade Livre, criada em 1911 graças sobretudo a Alexandre Ferreira (1887-1950) (profissional de seguros e pai do poeta José Gomes Ferreira) (Deusdado 1995).

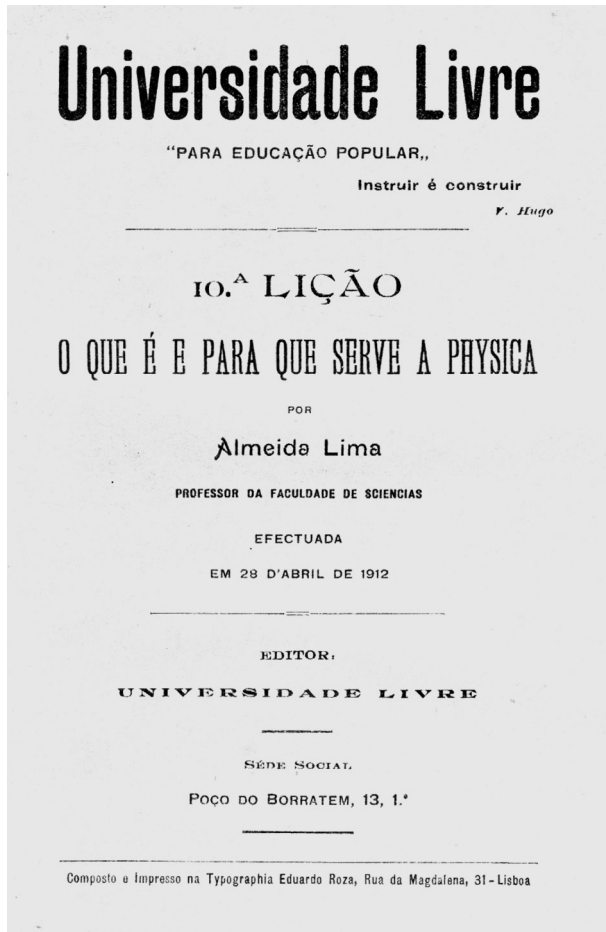


Foto 6 – Universidade Livre

No âmbito das actividades da Universidade Livre, foram proferidas semanalmente muitas palestras, logo publicadas, contando com colaborações diversificadas: Agostinho Fortes, Ruy Telles Palhinha, Almeida Lima, António dos Reis Silva Barbosa, Balthazar Ozorio, Arthur Ricardo Jorge, etc.; eis alguns títulos: *O Homem antes da Civilização*, *O Homem como Ser Animal*, *O que É e para que Serve a Physica*, *O Objecto da Biologia*, *Prólogo à Zoologia*, *Introdução ao Estudo das Plantas*, etc. Cabe perguntar se hoje em dia, com todas as facilidades de edição do começo do século XXI, seria fácil uma tal realização.

Um pouco mais tarde aparece a Universidade Popular do Porto (julgo que em 1918), sob o patrocínio da Renascença Portuguesa. Em



Foto 7 – Símbolo da UPP

1919, foi fundada em Lisboa a Universidade Popular Portuguesa (UPP), por iniciativa de António Augusto Ferreira de Macedo (1887-1959) (Dores 2001), seguida ainda pela Universidade Popular de Setúbal, onde Bento de Jesus Caraça (1901-1948) viria a fazer uma palestra em 1931, intitulada «As Universidades Populares e a Cultura».

Instalada na Padaria do Povo, em Campo de Ourique, teve a UPP a sua «sessão inaugural com a presença do Chefe do Estado e do Ministro da Instrução, cabendo a leitura do discurso de abertura a Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa» (Ventura, 1987), o que por si só aquilata quer do prestígio que inspiravam os colaboradores da UPP, quer da qualidade das pessoas à frente daquelas três instituições. Na UPP viriam a colaborar, palestrando, alguns dos maiores nomes da cultura portuguesa da época; para só citar alguns: António Sérgio, Jaime Cortesão, Rodrigues Lapa, Raul Proença, Mira Fernandes, Faria de Vasconcelos, Agostinho da Silva, Vieira de Almeida, Cirilo Soares, Moisés Amzalak, Leite de Vasconcelos, Mendes Correia, Virgínia de Castro Almeida, Aurélio Quintanilha, Azeredo Perdigão e dezenas de outros. Bento de Jesus Caraça destina-



Foto 8 – Sede da cooperativa A Padaria do Povo (R. Luís Derouet, Campo de Ourique)

ria à Universidade Popular Portuguesa, em 1933, a sua mais famosa conferência: *A Cultura Integral do Indivíduo*.

Constituiu a UPP um lugar de tolerância e construtiva controvérsia como convém naturalmente a uma universidade e a essas características não será alheio o facto de contar no seu Conselho Administrativo um variado e equilibrado espectro de personalidades – professores, operários, tipógrafos – entre elas o então jovem Bento de Jesus Caraça, cuja amizade com Ferreira de Macedo se firmaria então definitivamente. Foi, porém, a partir de 1931 que Bento de Jesus Caraça daria novo vigor à UPP, fixando no final da já referida palestra feita em Setúbal as balizas da Universidade Popular Portuguesa:

O seu ensino não deve cristalizar em certas fórmulas, pois, se isso acontecer, tornar-se-ão obstáculos ao progresso. Devem constituir, por assim dizer, a vanguarda do ensino e a sua acção, sem contrariar a da Escola, deve ser completamente dela. A sua utilidade e justificação da sua existência está nas possibilidades de libertação espiritual que der às massas trabalhadoras. Às organizações sindicais cabe um papel enorme nesse trabalho de liber-

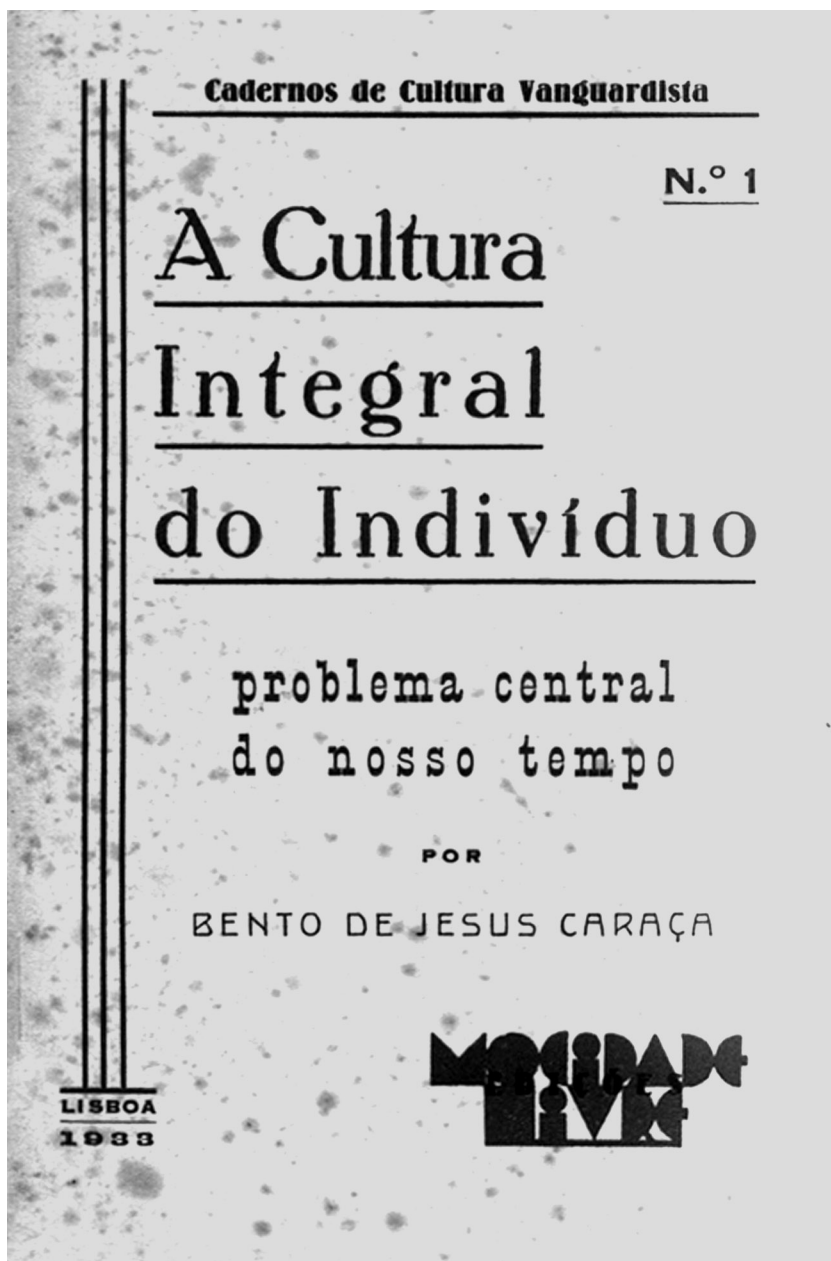


Foto 9 – *A Cultura Integral do Indivíduo*, conferência proferida em 1933

tação, promovendo intensamente a cultura dos seus membros. A emancipação futura da humanidade será o resultado da união de todos os esforços individuais e colectivos orientados pelos mesmos ideais.

Naturalmente que a questão da definição dos objectivos e características de uma Universidade Popular foi na época assunto de inúmeros debates, ou não fosse «a educação do povo uma dessas ideias que constantemente são sofismadas e atraíçoadas», como bem disse Ferreira de Macedo numa das muitas conferências que dedicou ao assunto, de que destacamos duas: uma, sobre a «A Educação Moral dos Trabalhadores» (Ferreira de Macedo 1923), em que se historiavam as Universidades Populares, seria proferida na Universidade Livre, animada pelo seu amigo Alexandre Ferreira; outra, donde retirámos aquela citação, intitulada «A Educação do Povo» (Ferreira de Macedo 1945) *não viria a ser proferida* na sociedade A Voz do Operário, em 1945, advinhe o leitor porquê...

O texto desta última palestra, condimentado pelo tempo, é elucidativo do ideal de Ferreira de Macedo (1945):

Tudo se pode resumir no seguinte: temos que forjar uma nova humanidade, e o novo homem, o homem de amanhã, não será apenas o animal humano, belo e são, a quem uma nova orgânica social assegura uma vida material segura e desafogada, livre finalmente de toda a opressão económica e política; será também – será sobretudo – um ser moral e social que tem a consciência do que é, e do que significa na vida universal (tanto quanto o permita o estado da Ciência e a Filosofia) um ser com entusiasmo e fé no progresso da comunidade, e a vontade e a capacidade de lutar por esse progresso. Eis aqui, sinteticamente expresso, o meu ideal de educação do povo.

Na sociedade em que vivemos, dominada pelo dinheiro, parece-nos pelo menos idílica esta visão, mas por aí mesmo aferiremos a imensidão do que nos falta fazer; por outro lado e infelizmente soam-nos actualíssimas estas palavras ainda cheias de futuro:

[...] todo o ensino oficial no nosso país está viciado, de alto a baixo. Falta-lhe um ideal, falta-lhe ambiente, falta-lhe uma organização científica e harmónica com as necessidades actuais. Mas não é desse ensino que tenho de tratar aqui. O que desejo frisar é que o ensino do povo, como eu o concebo, será inteiramente e profundamente diferente do actual ensino oficial [...].

Naturalmente que para levar avante o seu projecto reivindica Ferreira de Macedo:

Os melhores instrumentos pedagógicos têm de ser utilizados, os melhores métodos, os mais perfeitos programas!

Não resta dúvida de que, se quisermos fazer reviver a Universidade Popular Portuguesa – certamente a melhor homenagem que poderíamos prestar a Ferreira de Macedo e a Caraça –, muito temos a aproveitar com as reflexões, empapadas de prática, destes dois matemáticos. Ao deparar com a sua lucidez límpida e simples ocorrem-nos as palavras de mais um matemático, tão perseguido quanto os outros dois; referimo-nos a António Lobo Vilela em 1933:

De ora em quando, no meio deste marasmo desolador, ouvem-se rumores abafados de vozes vibrantes que mal encontram eco, como se fossem proferidas no fundo de uma cisterna, ou gritadas num deserto imenso. Essas vozes traduzem o pouco que entre nós ainda sobrevive de sinceridade e de independência moral, mas as condições acústicas do ambiente são tão más que elas se perdem como se fossem simples lamentos de almas impotentes.

O futuro da UPP

A Universidade tal como existe hoje na maioria dos países democráticos corresponde nalguns aspectos ao ideal de Universidade Popular; a massificação do ensino nesses países ao longo do século XX abriu as portas da Universidade a todas as classes, deixando ela de ser aí em grande medida uma reserva das elites económicas, elites estas que continuam porém a ter o controlo dos meios decisivos de influenciar a sociedade: o ensino e a informação. E que tipo de ensino e de informação é oferecido? Aquele que conduz à formação integral do indivíduo? Não!, e é exactamente por isso que a ideia de Universidade Popular é hoje ainda, infelizmente, de grande actualidade.

O ensino, hoje, em toda a Europa, visa sobretudo e cada vez mais o fabrico de eleitores, consumidores e contribuintes, relegando para segundo plano a riqueza individual de cada um e cerceando as formas efectivas de participação colectiva. Só o pensamento e a acção livres, num concerto de diversidade de opinião e de prática solidária, afirma a dignidade humana. Nós, eleitores, consumidores e contribuintes somos ainda pessoas que recusam um rótulo único, que sentem a complexidade das coisas, oposta às interpretações simplistas dos meios de informação, que têm imensas dúvidas, que adoram a controvérsia, que desconfiam dos consensos da mediocridade, que suspeitam dos

choques de civilizações; queremos enriquecer-nos com a diversidade e não queremos empobrecer-nos na uniformidade. Queremos conhecer mas queremos sobretudo compreender.

A Universidade Popular há-de opor-se aos aspectos negativos da massificação, há-de aceitar a dúvida, há-de promover a controvérsia, há-de dar-nos os meios para compreender o diferente, há-de fazer-nos dizer alto que de nada vale teimar em compreender o desconhecido se há quem se aproveite do conhecimento científico para, à solidariedade, privilegiar a guerra.

As universidades, hoje, em toda a Europa, são sobretudo escolas de formação profissional, de onde se pretende que saiam rebanhos de jovens abúlicos sem a consciência do seu decisivo poder e obediência tomando o seu assento como os leões no espectáculo do circo; a contenção forçada da nossa juventude nos quadros estreitos de uma participação fictícia onde o pensamento crítico inexistente só pode conduzir a explosões selvagens, quer no anonimato do hooliganismo, quer no anonimato dos que no silêncio da socapa caucionam as guerras em que sem dar por isso nos vemos envolvidos.

A Universidade Popular há-de ser um local onde se adquira a consciência do esforço que ao longo de milénios sempre foi necessário para ter uma ideia nova, nesse esforço persistente consistindo o essencial do espírito científico; há-de ser um local onde se entenda claramente que os erros são necessários para lograr algum acerto e que a ideologia do sucesso é uma fraude publicitária.

As universidades europeias, que na origem eram corporações de mestres e alunos, veiculando na raiz *universitas* a ideia de universo do diverso, de enriquecimento mútuo, tinham a sua criatividade assente na necessidade de acarinhar a crise permanente, prevenindo a violência de crises maiores; só podiam pois essas universidades combater a especialização prematura criando nos alunos, isso sim, a autonomia necessária para a adquirir mais tarde e da forma mais conveniente. A Universidade Popular não terá por objectivo formar especialistas, mas há-de dar ocasião aos especialistas de resgatarem para si toda a dignidade de pessoas a que têm direito. A Universidade Popular há-de ser um lugar de libertação para as potencialidades de cada um, e um lugar de reabilitação da dignidade individual e colectiva. A Universidade Popular há-de ser um grito de Liberdade!

A Universidade Popular chamará a si cada um de nós, sem rejeitar qualquer parcela de saber ou de experiência, sendo por de mais claro não terem aceite, muitas vezes, um lugar no terreiro da massificação medíocre aqueles que são porventura os nossos melhores, rejeitados

por uma sociedade que os não conseguiu formatar. Os reformados e os desempregados, bem-vindos à Universidade Popular, serão uma minoria no meio da multidão de desenganados que lhe dará vigor e de que precisamos. A Universidade Popular libertará em muitos o que há de melhor em si e pretende levar esse somatório de iniciativas individuais ao «despertar da alma colectiva das massas», como preconizava Bento de Jesus Caraça.

Referências bibliográficas

- Caraça, Bento de Jesus. 1933. *A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo*. Cadernos de Cultura Vanguardista, n.º 1. Lisboa: Edições Mocidade Livre.
- Caraça, Bento de Jesus. *As Universidades Populares e a Cultura*, conferência proferida em Setúbal na secção da UPP, em 22 de Março de 1931. In J. M. Caraça, *Bento de Jesus Caraça – Conferências e Outros Escritos*. Lisboa: s. ed. (2.ª ed.), 1978.
- Caraça, Bento de Jesus. 1941-1942. *Conceitos Fundamentais da Matemática*. Vol. I. Lisboa: Edições Cosmos, 1941. Vol. II, Lisboa: Edições Cosmos, 1942. Reedição em 1998. Lisboa: Gradiva, Ciência Aberta (com comentários e notas de Paulo Almeida).
- Deusdado, Ferreira. 1995. *Educadores Portugueses*, Porto: Lello & Irmão-Editores, «Clássicos da Cultura Portuguesa.»
- Dores, Armando Myre. 2001. *O Papel da Universidade Popular Portuguesa ao Serviço da Cultura do Povo*. O Erro (1).
- Ferreira, Alberto. 1980. *Estudos da Cultura Portuguesa (Séc. XIX)*. Lisboa: Moraes Editores, «Margens do texto», 15.
- Ferreira de Macedo, A. A. 1923. *A Educação Moral dos Trabalhadores*. Universidade Livre.
- Ferreira de Macedo, A. A. 1945. *A Educação do Povo*. Lisboa: Seara Nova.
- Ventura, António. 1987. No centenário de António Augusto Ferreira de Macedo. *Revista da Biblioteca Nacional*, 2. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa.
- Vilela, A. Lobo. 1933. *A Crise da Universidade*. Figueira da Foz: Renovação Democrática, Cadernos de Cultura Democratista.